



Antonio Candido e Walnice Nogueira

Foto: Arquivo pessoal da autora.

Notas sobre a “Ocupação Antonio Candido”

Walnice Nogueira Galvão*

O homem não teria alcançado o possível se, repetidas vezes, não tivesse tentado o impossível
(Max Weber)

A celebração do centenário de Antonio Candido, grande intelectual falecido em 2017, foi motivo para muitos eventos: na Fapesp; no Sesc; na Escola Nacional Florestan Fernandes do MST, que batizou com seu nome a biblioteca; na Bienal do Livro; na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, *alma mater* do professor, cujo prédio de Letras recebeu igualmente seu nome. No conjunto, as falas de antigos alunos, admiradores e estudiosos examinaram as múltiplas vertentes em que se notabilizou: crítica literária, investigações sociológicas, militância política, entrevistas sobre a atualidade, livros que escreveu, ou ainda o mestre e orientador de teses, e assim por diante. Não só o grande intelectual, mas o ser humano afável e de cortesia impecável foi focalizado em suas preferências pessoais, seus laços afetivos e seus hobbies.

Entre congressos, seminários, simpósios, livros e números especiais de revistas, destacou-se uma exposição no Itaú Cultural, à Av. Paulista, intitulada: “Ocupação Antonio Candido – O direito à literatura”. Toma emprestado ao crítico o título de um de seus mais importantes ensaios, aquele que advoga em

* Professora Emérita da FFLCH-USP.

favor da extensão do direito à beleza, às artes e à literatura a todos os seres humanos. Não é justo, argumenta ele, que seja privilégio de poucos.

Contemplou-se ali, e pela primeira vez, uma amostra de seu acervo pessoal de documentos, fotografias, cadernos de anotação, esquemas de aula, manuscritos de trabalhos, recortes, cartas etc.: fala-se em 45 mil itens textuais, 5 mil fotos e 800 discos/fitas cassete. O Fundo Antonio Candido foi transferido para o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) sob o patrocínio do Itaú Cultural, para receber tratamento técnico que o habilite a ser aberto à consulta. A presente Ocupação vem a ser a 40ª executada pela equipe do Itaú Cultural, sempre competente, formada por ases na pesquisa e com veterano senso de expografia. Foi cocuradora do evento Laura Escorel, neta do professor que vem provar já ser uma especialista no acervo do ilustre avô. No momento, prepara mestrado em História da Arte, sobre justamente a parte fotográfica da coleção.

Ofereceram-nos uma impressionante mostra de fotos, representativas das várias fases da vida de Antonio Candido, desde criança. As fotos proveem sequências narrativas. Assim o vemos no seio da cultura caipira, realizando no Noroeste de São Paulo a pesquisa de campo para a tese de doutoramento em Sociologia, **Os parceiros do Rio Bonito**.

Vemos também ecos de sua temporada de três anos na Faculdade de Assis (Unesp), episódio pivô em sua vida profissional, quando se transferiu do magistério de Sociologia que exercia como assistente na Faculdade de Filosofia da rua Maria Antonia, para a Literatura – como tanto desejava. Sua vida intelectual até então era dupla, porque o professor de Sociologia se desdobrava como crítico literário com rodapé de jornal desde os anos 40, já com livros publicados nessa especialidade.

Outras o retratam no ambiente doméstico, com a esposa Gilda, filhas, netos; ou então na infância, com os pais e irmãos. E ainda outras em atividades variadas fora do meio universitário, entre escritores, intelectuais, amigos em geral.

Da Ocupação constaram vídeos com suas entrevistas passando sem cessar, com fones de ouvido à disposição dos visitantes.

Entre os papeis, vimos cópias de suas mais antigas publicações, já bem amareladas, tanto em jornais noticiosos quanto em revistas universitárias. Assim como cópia de artigos com emendas em sua própria caligrafia, para futuro aproveitamento.

Entre as publicações, além de primeiras edições dos livros, há exemplares das revistas em que atuou como membro da comissão editorial, a exemplo de **Clima** e **Argumento**. E livros alheios, com dedicatórias dos mais destacados escritores coevos.

Foi ainda providenciada uma escrivaninha com cadeiras ao redor; sobre ela jazem vários livros e cópias de trabalhos de Antonio Candido, inclusive manuscritos, para manuseio livre. Por trás, num nicho, sua máquina de escrever.

Espalharam-se exemplares, em vitrines, de seus famosos cadernos manuscritos, de um total de cerca de 90, dizem uns, ou então 126 se incluirmos as cadernetas, dizem outros.

No capítulo correspondência, encontra-se uma troca representativa de seu feitio, modesto grande homem que era. São três cartas lado a lado. A primeira, de João Pedro Stédile, dirigente do MST, pede permissão para dar o nome dele à biblioteca da Escola Nacional Florestan Fernandes. Na réplica, Antonio Candido se esquiva, com o argumento de que sempre foi contra dar nome de vivos a ruas ou instituições: como

contradizer-se agora? Sugere o nome de Celso Furtado, mas aceita participar e fazer palestra na inauguração, o que de fato fará, em 2006. A tréplica de Stédile diz que a biblioteca ficará sem nome. Não ficou: agora já se chama “Antonio Candido”.

* * *

Esse paladino da utopia cedo começou a atar as filigranas entre a literatura de seus amores e a militância política. Foi esporeado pela ditadura Vargas que abordou, senão as leituras socialistas, ao menos o ativismo em movimentos de resistência, quando ainda estudante.

Depois, ao criar a legendária revista **Clima** com outros alunos da Faculdade de Filosofia da USP, definiria a vocação de crítico literário, no bojo das vocações do grupo de amigos mais próximos, todos de convicções socialistas: Paulo Emílio Salles Gomes no cinema, Decio de Almeida Prado no teatro, Lourival Gomes Machado nas artes visuais, Ruy Coelho na antropologia, Gilda de Moraes Rocha (futura esposa) na estética.

Sua militância no Partido Socialista seria cortada pelo golpe de 1964, que suscitaria nova radicalização, tornando imperativo opor-se. A Faculdade de Filosofia seria transformada em trincheira de resistência e assim continuaria até seu bombardeio e incêndio no final de 1968. Nos anos sombrios que se seguiram, Antonio Candido colaboraria com periódicos de oposição, como **Opinião**, **Movimento** e **Argumento**. Entre outras coisas, seria membro da Comissão de Justiça e Paz, criada por D. Paulo Evaristo Arns, bem como cofundador da Comissão Teotônio Vilela de Direitos Humanos.

Enquanto isso, prosseguia sua carreira de professor e de escritor. Teses e livros iam-se sucedendo, bem como intervenções, numerosas durante a ditadura. Quando a abertura se anunciou, frequentou as reuniões que encaminharam à criação do Partido dos Trabalhadores, do qual seria um dos fundadores, em 1980.

No partido, Antonio Candido desempenharia várias funções, sempre no âmbito da literatura e da cultura, entre as quais a presidência do conselho da Editora Fundação Perseu Abramo não seria a menos importante. Integrou o diretório do partido no Jardim Paulista, participando das reuniões semanais durante muitos anos. Teve iniciativas relevantes, coordenou seminários (como aqueles sobre Florestan Fernandes e sobre Sérgio Buarque de Holanda), publicou livros resultantes desses seminários. A certa altura, deu-se conta de que o socialismo precisava ser discutido, para que o partido equilibrasse pragmatismo com reflexão teórica. Nasceu daí **Socialismo em Discussão**, uma série de conferências com especialistas seguidas de debates, sobre socialismo e indivíduo, socialismo e partido, socialismo e democracia, socialismo e economia etc. A série, posteriormente, seria transformada numa coleção de livros.

Uma de suas obras, o tratado **Formação da literatura brasileira**, detectou na base do processo que lhe dá título o desejo dos brasileiros de ter uma literatura própria, independente da matriz europeia – e examina como isso se construiu. Outro, o clássico **Os parceiros do Rio Bonito**, dedicou-se ao estudo do modo de vida caipira, chegando até a propor a reforma agrária, tão cedo quanto 1954. **Teresina etc.** trata de militantes socialistas de vários matizes, na fase áurea da luta operária que se inaugurava em nosso país. Essas são três das vertentes centrais de seus interesses, que outros trabalhos aprofundariam.

Entre outros, escreveu um pequeno ensaio para orientação dos militantes, intitulado “O direito à literatura”, que acabou ganhando vida independente e saindo do livro para atingir maior audiência. Ali, Antonio Candido sustenta que esse é um direito do cidadão, a mesmo título que os vários outros mais visíveis, já sancionados pela Declaração dos Direitos do Homem e pela tradição. Sua generosa concepção de utopia podia alcançar assim tão longe.

* * *

Essa relevante contribuição importa em reivindicar o acesso à literatura como um dos direitos humanos. Antonio Candido agrupa os direitos em duas categorias, que ele chama de “incompressíveis” e “compressíveis”. Os direitos incompressíveis são aqueles que não podem ser diminuídos ou eliminados sem pôr em risco a vida da pessoa (por exemplo a alimentação, a saúde) e os direitos compressíveis são aqueles que podem ser diminuídos ou momentaneamente eliminados sem acarretar a morte. Pensemos nos supérfluos em que vivemos atualmente atolados, enquanto procuram convencer-nos de que são necessários, e não inúteis: tudo isso para sustentar a produção industrial crescente.

Mas, argumenta Antonio Candido, também são incompressíveis os direitos que, se diminuídos ou eliminados, causam graves danos espirituais e psíquicos. Entre os incompressíveis, fica, portanto, o direito à literatura.

Conforme essa concepção, são direitos incompressíveis o alimento, a moradia, a roupa, a educação, a saúde, a liberdade, a igualdade perante a lei, a justiça, a resistência à opressão – mas

também outros talvez não tão visíveis quanto o direito à crença e à opinião, ao lazer, às artes e à literatura.

A literatura, em suas palavras, é fundamental para a humanização do homem. Por um lado, porque desenvolve em nós a percepção da natureza, da sociedade e do semelhante. Por outro lado, abre-nos para o sentimento da beleza, o exercício da reflexão, o cultivo do humor, o afinamento das emoções, e, por último, mas não menos fundamental, a aquisição do saber.

Assim compreendemos que a literatura faz parte do patrimônio imaterial da humanidade. Não só os monumentos materiais de pedra como as pirâmides do Egito, o Coliseu de Roma, o Partenon em Atenas constituem patrimônio de toda a humanidade, mas também aquilo que é imaterial, como a literatura. Essa é a definição da Unesco, que tem tombado muita coisa nessa nova categoria.

Dentro desse quadro mais amplo, permanece conosco a contribuição de Antonio Candido.